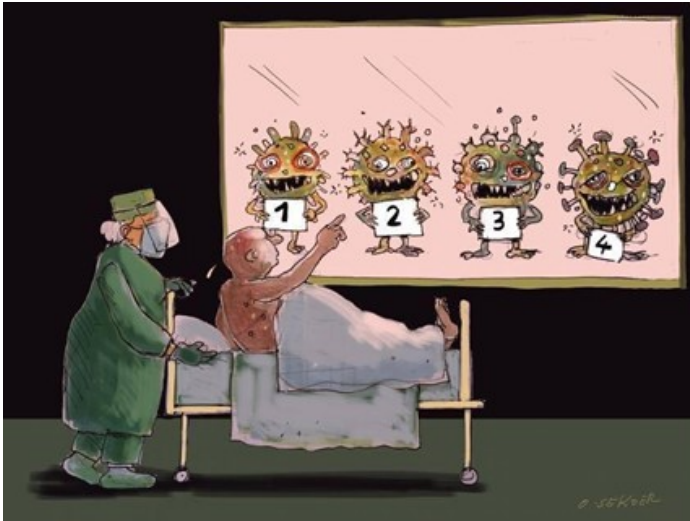


- a Liturgia *online*: desafios e possibilidades
- catequese, a formação cristã e a espiritualidade: novos olhares
- as dioceses e as paróquias já não são as mesmas



as mutações estão a chegar... variantes do Reino Unido e África do Sul são o novo perigo.
LUC DESCHEEMAEKER (cartoonista belga). 2021. <https://www.instagram.com/p/CKdyKO2JSgB/>

Igreja e evangelização: provocações da pandemia parte 2 – as dores do parto

a Liturgia *online*: desafios e possibilidades

Introdução

A Igreja é, essencialmente, comunidade, povo de Deus a caminho rumo ao Reino definitivo. É *Ecclesia*: assembleia dos chamados, dos escolhidos. Esta eleição divina tem o seu início com o povo de Israel e culmina em Jesus Cristo, pedra fundamental da nova e definitiva construção espiritual, a formada pelos renascidos do Mistério da sua Páscoa e chamados a ser povo de sacerdotes, para oferecer a Deus um culto que lhe seja agradável (cf. 1Pd 2, 4-5). Enraizada na prática de Jesus, fiel à sua Palavra e sob a ação do Espírito Santo, como os primeiros irmãos e irmãs, “a Igreja nunca deixou de se reunir para celebrar o Mistério pascal” (SC, n. 6). Assim, a assembleia reunida para o louvor de Deus e a sua própria santificação (cf. SC n. 7), é imagem e realização da Igreja. No entanto, reunir-se publicamente para o culto, nem sempre foi algo fácil para a Igreja. Sabemos, pela nossa história, que, principalmente nos primeiros séculos, os cristãos se encontravam às escondidas e celebravam nas suas casas. E foi nestas condições – de volta à Igreja doméstica! – que nós fomos colocados pela pandemia provocada pelo coronavírus! De facto, em março deste ano de 2020, de repente, a necessidade do isolamento social, como medida sanitária no combate à Covid-19, colocou-nos em crise, no plano social, económico, ambiental, eclesial e interpessoal. Os cenários, mundial e brasileiro, que se descortinaram diante de nós, nos quais nós mesmos desenrolamos o drama da nossa existência, têm sido marcados pelas experiências do sofrimento, da dor, da solidão, da indignação social e política, das perdas, enfim, da morte.

O facto é que a pandemia nos tem feito repensar muitas coisas, também no

campo da vivência e da expressão da nossa fé, levantando inúmeras questões: como entender, por exemplo, a possibilidade da eucaristia celebrada sem a comunidade, não obstante a sua validade ser garantida pela lei eclesiástica? A presidência só do presbítero (e do presbítero só!) é mesmo suficiente para afirmar que a eucaristia tem alimentado todo o povo de Deus, neste tempo de pandemia? As celebrações domésticas em torno da Palavra constituem uma liturgia de “segunda classe” ou de suplência da eucaristia? Onde estão os limites entre participação e coisificação da experiência litúrgica, nas transmissões *online*? Temos elementos para falar da liturgia *online* como autêntico caminho de comunhão e participação? São muitas perguntas, ainda com poucas respostas! Muitas delas são sintomáticas de situações há tempos acomodadas, mas muito mal compreendidas, que exigem de nós abordagens sérias, sob pena de grave incoerência e traição à reforma da liturgia, empreendida pelo Concílio Vaticano II, que se propôs resgatar a originalidade da essência de todo o rito cristão.

A inundaçã mediática no terreno litúrgico

Já sabemos que os meios de comunicação (TV, rádios etc.) e as plataformas sociais vêm, há já algum tempo, a ganhar espaço, também, no terreno católico! No entanto, com a pandemia, assistimos a um fenómeno que poderíamos chamar de inundaçã mediática, também no campo litúrgico da nossa Igreja. De acordo com Grillo, “se os corpos ficam em casa, pelo menos os olhos, os ouvidos, as mentes e os corações tentam sair, tentam encontrar-se, não tardam em interligar-se entre si. Através das telas dos computadores, das *tablets*, dos telemóveis, ou dos televi-

sores, tentamos compensar tudo isso [...]. Porém, é uma forma de, muito facilmente, transformar o rito num espetáculo” (GRILLO, 2020a). Basta percorrer os canais da TV, ou ter acesso ao *facebook*, por exemplo, para depararmos com missas transmitidas ao “gosto do freguês”, momentos orantes, transmissões ao vivo com meditação da Palavra, do terço, Liturgia das Horas e pregações, adoração do Santíssimo Sacramento etc. E tudo isto em matizes bem diversos, que vão desde propostas muito sensatas e coerentes com a melhor teologia litúrgica, até disparates sem credibilidade alguma.

É uma cultura digital que se vai configurando diante de nós, e com a participação de nós todos. De acordo com o papa Francisco, vivemos “numa cultura amplamente digitalizada, que afeta de modo muito profundo a noção de tempo e de espaço, a percepção de si mesmo, dos outros e do mundo, o modo de comunicar, de aprender, de nos informarmos, de entrarmos em relação com os outros” (FRANCISCO, 2019). Esta cultura digital tem alterado a nossa linguagem, a nossa mentalidade e a hierarquia de valores (1). A tradicional dicotomia entre real e virtual, hoje, é questionada por muita gente que defende a não existência do virtual, mas somente a realidade da presença e das relações das pessoas, mediadas pelas redes, inclusive com trocas afetivas. Uma presença diferenciada, é verdade, mas sempre presença, já que os meios de comunicação funcionariam como verdadeiras extensões dos nossos sentidos. Do mesmo modo, há que se superar o binómio *off-line/online*, já que “hoje, vivemos uma experiência ‘onlife’ (Luciano Floridi). A interligação e as redes já são uma dimensão existencial das pessoas. Redes e ruas estão mais do que nunca conectadas e interligadas. O ‘véu’ dessa separação rasgou-se, há já um bom tempo” (SBARDELLOTTA, 2020a). De acordo com este pensamento, um novo tipo de

realidade cultural se instaura, possibilitando novas formas de encontro e relação das pessoas entre si, e destas com o sagrado. O que pressupõe sérias diligências, pois mexe com conceitos e princípios fundamentais da experiência litúrgica, tais como o de participação, comunidade, experiência simbólica, espaço sagrado etc., questões estas que precisam de ser amplamente discutidas.

Liturgia e meios de comunicação na pandemia. Uma limitada compreensão da eucaristia

Com o advento da pandemia, e a súbia decisão da Igreja de suspender as atividades religiosas e litúrgicas nos seus templos, a primeira iniciativa pastoral de boa parte do clero foi investir na multiplicação das transmissões da missa pela TV, rádio e meios de comunicação digitais, dum modo geral. Não se questiona, aqui, a boa vontade e o desejo dos pastores de nutrir, de alguma maneira, os seus rebanhos, com a Palavra de Deus e a piedade eucarística. Sabemos quanto bem-estar estas possibilidades têm trazido a tantas pessoas, como doentes e idosos. O que se questiona, no entanto, é até onde se pode falar de “participação”, em relação a tais missas transmitidas. No fundo, temos de nos questionar sobre a forma como ocorre, na ação litúrgica, a relação rito-espaco: é o espaço que determina o rito, ou é ao contrário? A participação plena, ativa, consciente, piedosa e frutuosa, desejada pela *Sacrosanctum concilium* (n. 11.14.48), não depende, apenas, da qualidade da transmissão, nem sequer das boas disposições de quem está a assistir à celebração. A linguagem litúrgica requer mais do que pessoas reunidas para ouvir ou ver o que se transmite, ainda que se consiga estabelecer com elas excelentes relações humanizadas e comovidas. Muito do que a ação ritual significa e realiza, só pode ser vivido na imediatez do sinal que provoca os sentidos, e evoca

o sentido maior da presença do Ressuscitado, no clima e no espírito de comunhão que brotam da assembleia reunida, “como se fosse uma só pessoa” (Ne 8,1). Há um distanciamento incontornável entre a comunidade local que vive o rito e a verdade do evento salvífico (na pandemia, infelizmente, o padre sozinho!), e aqueles que se esforçam por penetrar no sentido desses sinais, mas não o podem fazer à distância. Quando este sinal é o pão eucarístico, mais ainda se percebe este distanciamento. Categorias como “comunhão espiritual” ou “comunhão mental” – por sinal, tão estranhas à teologia litúrgica pós-conciliar! –, não conseguem proporcionar a vivência que se espera da comunhão eucarística: comer do pão, beber do vinho, tomar parte da ceia do Senhor como conviva do banquete divino. Não podemos correr o risco de voltar àqueles tempos medievais, em que o povo se contentava em ver de longe a hóstia consagrada, limitando-se a adorá-la, e privando-se do que lhe é essencial, como disse Jesus: “a minha carne é verdadeira comida, e o meu sangue é verdadeira bebida” (Jo 6, 55).

Os caminhos que tentamos para suprir esta privação da celebração eucarística, estão a «revelar-nos quanto é “limitada a nossa compreensão da ceia memorial do Senhor, o que deverá levar-nos a buscar o sentido mais profundo da eucaristia, que inclui o lava-pés do serviço e do amor fraterno, interação entre fé e vida, que muitos cristãos já vivenciam. Aliás, estamos a ter oportunidade de contemplar a entrega do Senhor, no trabalho arriscado de tantos profissionais da saúde, na luta para obter o auxílio de emergência, na partilha e na solidariedade em socorrer os mais frágeis, na batalha quotidiana pela sobrevivência em condições adversas” (CARPANEDO, 2020a).

O presbítero sozinho e a insuficiência do “mínimo suficiente”

Outra questão muito séria que deve ser objeto da nossa reflexão, intimamente ligada às transmissões das missas, refere-se à missa *sine populo*, isto é, sem a presença da comunidade celebrante, centrada na figura autorreferenciada do presbítero. A missa com assistência de um só ministro, uma das três opções apresentadas pelo Missal (n.ºs. 252-272), tornou-se a regra nas atuais circunstâncias. A Instrução Geral do Missal Romano é muito clara, ao apresentar uma salvação: “A celebração sem ministro ou sem, pelo menos, um fiel, não se faça a não ser por causa justa e razoável” (n. 254). Há quem argumente que a assembleia está presente, quando participa por meio da assistência à transmissão realizada pelos meios de comunicação e plataformas digitais, questão complexa, já abordada acima. Outros argumentam a favor da legitimidade desta opção, por obedecer a uma “lei” referendada pela Igreja. Há, ainda, os que se apoiam, piedosamente, na obrigatoriedade do padre de celebrar a eucaristia.

O que se questiona, aqui, não é nem a validade da missa – ponto indiscutível! –, nem a legitimidade da forma, mas o seu genuíno significado, dentro da eclesiologia e da teologia que fundamentam a Reforma Litúrgica. O que pensar de uma celebração na qual somente se evidencia o ministério da presidência, se a liturgia deve ser “ação de todo o corpo da Igreja”, “não ações privadas, mas celebrações da Igreja, sacramento da unidade” (SC, n. 26)? O Catecismo da Igreja Católica é claro ao afirmar: “É toda a comunidade, o corpo de Cristo unido à sua Cabeça, que celebra” (n. 1140). Mais do que o “valer”, ou não, a missa, o mínimo suficiente, preocupa-nos o reducionismo de toda a riqueza da ação ritual. No dizer de GRILLO, “se o seu valor é pensado como o conjunto de todas as palavras e de todas as linguagens, numa comunidade rica e articulada, uma missa válida é só válida.

Falta-lhe toda aquela gratuidade de que precisa de modo vital, para ser plenamente ela mesma” (*GRILLO, 2020b*).

Outro problema decorrente deste, nalguns casos, é o facto de uma pobre conceção do ministério ordenado e da presidência eucarística, fazer com que se reforce um clericalismo dos meios de comunicação, chegando-se, por vezes, ao absurdo do exibicionismo, se o padre fizer convergir para si toda a atenção, e não para o que se celebra (*SBARDELOTTO, 2020b*). Esquecemo-nos, infelizmente, de que a epifania do ministro obscurece a epifania do Mistério!

O perigo da redução da liturgia à celebração eucarística

De forma alguma a missa é a única maneira de celebrar o memorial do crucificado-ressuscitado. E, neste aspeto, este tempo de pandemia surge como oportuna ocasião de resgatar outras maneiras de celebrar a fé, também pertencentes à liturgia da Igreja. Quando celebramos o Ofício Divino ao nascer do sol, por exemplo, estamos a oferecer um sacrifício de louvor. Quando nos reunimos, à hora do poente, para celebrar o ofício da tarde, estamos a fazer a Deus a nossa oferenda de ação de graças (eucaristia). A oração de agradecimento à mesa, por ocasião das refeições, tem, também, uma dimensão profundamente eucarística.

De facto, há muitas famílias e pequenas fraternidades que se têm valido desta ocasião para celebrar nas Igrejas das suas casas: recorrendo à oração dos salmos pelo Ofício Divino das comunidades, e à escuta das Escrituras ditadas pela liturgia diária e semanal, reunindo-se em círculo, ou, quem mora sozinho, colocando-se em oração silenciosa na presença de Deus. Trata-se de uma porção do povo de Deus que se encontra bem enraizado na fé da Igreja, e que tem suficiente autonomia para se reunir como Igreja e celebrar o Mistério da fé, graças à consciência que

tem do sacerdócio batismal dos fiéis (*CARPANEDO, 2020b*).

A Palavra de Deus como pão que nos alimenta

A deslocação das celebrações da fé para dentro das casas, trouxe grandes vantagens ao revigoramento da Igreja doméstica, e ao protagonismo dos cristãos leigos e leigas nas ações celebrativas. O povo entendeu melhor que sabe e pode rezar, mesmo sem a figura significativa do padre na presidência das celebrações. A liturgia do dia a dia foi ganhando força, especialmente ao redor da Palavra de Deus. A Bíblia, “peça” importante no acervo de todo o cristão, deixou de ser um bonito adereço, para ser aberta e alimentar o povo de Deus. A Igreja sempre teve as Sagradas Escrituras em alto apreço, e ensina que, assim como as espécies do pão e do vinho consagrados, a Palavra anunciada na celebração litúrgica é “pão do céu” para alimentar os fiéis (cf. DV, n. 21). De facto, é o mesmo Cristo que se faz, realmente, presente, falando com o seu povo, quando são lidas as Escrituras (cf. SC, n. 7). Palavra e Sacramento não se contradizem, mas exigem-se mutuamente, pois “são meios de que o Senhor se serve para comunicar a sua graça, para edificar os cristãos, para construir a Igreja como povo de Deus, Corpo de Cristo, Templo do Espírito, sacramento do Reino de Deus no mundo” (*CNBB, Doc. 108, n. 29*).

Perspetivas para uma fecunda relação liturgia-meios de comunicação

Neste momento da nossa reflexão, queremos, também, reservar um espaço aos projetos, com vista a um tempo novo que começa a ser engendrado desde já, com a graça de Deus e de seu Espírito de criatividade e renovação. O tempo da pós-pandemia, por muitos definido como “novo normal”, não poderá ser, apenas, um retomar do que deixámos para trás,

mas uma prova de que aproveitamos a crise para torná-la verdadeira oportunidade de aprendizagem e aperfeiçoamento, inclusive na reconstrução das nossas práticas eclesiais.

Parece-nos claro que a cultura digital é um fenômeno irreversível. E isso pode ser muito bom! Seremos cada vez mais desafiados a cultivar parcerias e interações pastorais, buscando uma fecunda relação entre a liturgia e os sofisticados meios de comunicação e plataformas digitais. O que exigirá de todos nós (animadores da liturgia, padres, comunicadores, liturgistas etc.), muitos movimentos de conversão pastoral, tão necessária para estarmos à altura de responder ao que o papa Francisco nos pede: “É preciso ter a coragem de encontrar os novos sinais, os novos símbolos, uma nova carne para a transmissão da Palavra” (EG, 167). Cientistas de que a Liturgia se faz de sinais, símbolos e gestos que encontram o seu sentido à luz da Palavra, cabe-nos sempre, deixar-nos educar pelos seus ritos para, sem perder a fidelidade à riqueza teológica e cultural que temos, conseguirmos, também, até onde for possível e como for possível, ser uma “presença evangelizadora no continente digital” (*Directorio Catequese, n. 371*).

A exigência da conversão pastoral parece-nos bem oportuna, para falarmos de perspectivas litúrgicas, e aponta para algumas mudanças e passagens necessárias:

Passagem de uma cultura clerical para uma cultura ritual (2).

Fomos culturalmente (des)educados para a ação ritual, numa concepção desequilibrada do valor dos ministérios e funções na celebração litúrgica, sobretudo, dos sacramentos. Sabemos do lugar importante que cabe ao ministro ordenado, mas isso não significa colocar nele toda a dependência da celebração, em detrimento da participação efetiva dos outros ministérios e de toda a assembleia

presente. O Concílio foi assertivo ao dizer: “Em todas as celebrações litúrgicas, ministro e fiéis, no desempenho das suas funções, façam somente aquilo e tudo aquilo que convém à natureza da ação, de acordo com as normas litúrgicas” (SC, n. 28). Somente uma nova cultura ritual, poderá fazer frente a um clericalismo enraizado na nossa mentalidade católica. Os meios de comunicação podem colaborar na construção de uma visão mais coerente do sacerdócio comum dos fiéis, e na divulgação de iniciativas orantes protagonizadas pelos cristãos leigos e leigas.

Passagem de um reducionismo eucarístico a uma consciência eucarística

Somos chamados a ampliar a nossa consciência do que seja a eucaristia, que não se limita à presença de Cristo nas espécies consagradas, mas se estende às várias outras formas de comunhão que estabelecemos com os irmãos e irmãs, especialmente à vivência da caridade, da partilha fraterna, à equidade social e ao cuidado pela nossa casa comum. Neste aspeto, os meios de comunicação e plataformas digitais poderão desempenhar um papel importante de desconstrução do reducionismo eucarístico, evitando, inclusive, exageros que, não raro, propagam uma distorcida teologia a respeito da eucaristia.

Passagem de uma relativização da Palavra à sua sacramentalidade

A Igreja ensina-nos que a “celebração da Palavra de Deus possui um caráter sacramental” (*CNBB, Doc. 108, n. 63*), isto é, manifesta a presença e a ação de Cristo, Palavra encarnada. No desejo de promover e salvaguardar a dignidade da eucaristia, a Palavra, não raras vezes, ficou relativizada. No entanto, não podemos esquecer-nos de que, cerca de 70% das comunidades eclesiais, no Brasil, não

têm missa todos os domingos. Muitas delas têm-na uma ou duas vezes ao ano, e vivem da Palavra. A pandemia mostrou-nos quanto a celebração familiar em torno da Palavra (sobretudo do evangelho dominical), bem como a sua leitura orante, podem alimentar-nos a fé e a vida. Tudo isso exige uma valorização maior da Palavra de Deus. Nesse aspeto, as tecnologias da comunicação podem ter um papel muito importante no serviço da formação bíblica e da facilitação dos momentos orantes do povo, com propostas qualificadas de celebração.

Passagem de uma visão da liturgia doméstica como uma atividade suplente, a uma valorização da casa como espaço celebrativo

Boa parte dos fiéis questiona se, em vez de assistir à missa pelos meios de comunicação, não seria mais interessante reunir a família e fazer da pequena Igreja da casa um lugar de encontro com Jesus, na certeza do que ele mesmo prometeu: “Onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, eu estarei no meio deles” (Mt 18,20). Aos poucos, podemos ir desenvolvendo uma liturgia doméstica, feita de pequenos ritos em estilo simples, presidida pela mãe ou por outra pessoa da família. Por meio desta celebração, podemos alegrar-nos na presença de Jesus, escutar e meditar a sua Palavra e, juntamente com Jesus, erguer ao Pai os nossos corações em preces, partilhar um pão em ação de graças, invocar uma bênção (*CARPA-NEDO, 2020a*). Mas, para isso, é preciso estarmos conscientes de que a liturgia doméstica não é, apenas, uma atividade suplente, na falta das missas nos templos, nem mesmo, uma liturgia de “segunda classe”. Aliás, não nos esqueçamos de que a história do cristianismo, especialmente das celebrações do Mistério Pascal, teve o seu início nas casas. A liturgia fixada no templo fez com que os cristãos se distanciassem bastante da liturgia

celebrada no lar. A pandemia teve, pelo menos, a vantagem de nos levar a repensar a necessidade da sua revalorização. Eis um ponto em que os meios de comunicação têm um papel imprescindível: disponibilizar subsídios e ferramentas, para que as liturgias domésticas sejam verdadeiros encontros das famílias entre si e com o Deus da vida!

Passagem do consumismo litúrgico à participação ativa, consciente e frutuosa

O desconhecimento teórico e prático da ação ritual, faz com que muitos fiéis acorram aos sacramentos, mormente à eucaristia, como consumidores do sagrado. Foi o que se verificou, claramente, durante a pandemia, revelando quanto ainda temos de crescer, num dos pilares da liturgia mais incentivado pela *Sacro-sanctum Concilium*: a participação. Para muitos, participar é “fazer algo” na missa. O resto é assistência, posição não muito diferente da daqueles que permanecem impassíveis diante da TV a assistir à missa. Não faltaram grupos a disputar a hóstia consagrada como propriedade, e pastores a oferecê-la em ações totalmente isoladas do contexto celebrativo. Eis aqui um aspeto que merece investimentos pastorais urgentes. Será que os meios de comunicação e redes sociais poderão ampliar o seu compromisso de ajudar na educação do povo cristão, com vista à consciente participação na sagrada liturgia?

Passagem dos meios de comunicação considerados como palco, aos meios de comunicação entendidos como serviço

É próprio das tecnologias de comunicação social dar visibilidade às pessoas e acontecimentos. A ordem de Jesus: “O que vos digo na escuridão, repeti-o à luz do dia, e o que vos for dito em segredo, proclamai-o de cima dos telhados” (Mt 10,27) é, mais do que nunca, levada à

risca. No campo da liturgia, entretanto, o menos é mais, quando se trata dos “atores”, visto que a finalidade de toda a ação ritual é proporcionar aos celebrantes um autêntico mergulho no Mistério do Cristo, ação esta que nos santifica e se torna um sincero louvor ao Pai, na força do Espírito (cf. SC, n. 7). O protagonismo, portanto, pertence ao próprio Deus. Oxalá que aqueles que se dedicam ao serviço de levar ao povo, por meio dos meios de comunicação, alguma proposta celebrativa, especialmente os que presidem às celebrações, nunca percam a mística do profeta João Batista: “É preciso que ele cresça e eu diminua” (Jo 3,30).

Conclusão

Liturgia *online*: experiência que se vai consolidando, aos poucos, e que merece toda a nossa atenção, pelo enorme desafio que nos traz. Será, mesmo, uma possibilidade que veio para ficar? Parece-nos que sim! Mas substituirá, essa modalidade, as celebrações em que os fiéis, física e geograficamente no mesmo templo, se congregam como um só corpo, para a celebração do Mistério Pascal, num tempo e num espaço determinado? Certamente que não! Não se trata, obviamente, de caminhos de substituição, nem de idêntico significado. Na pegada de Sbardelotto, poderíamos dizer que se torna necessário “abandonar a lógica do ‘ou’ e assumir a lógica do ‘e’”. Não se trata de evangelizar ‘ou’ no ambiente digital, ‘ou’ nos demais ambientes sociais, mas de sair ao encontro das pessoas, no ambiente digital, ‘e’ nos demais ambientes sociais, isto é, onde quer que elas estejam, para assim gerar comunhão e construir comunidade, como fez Jesus com os discípulos de Emaús (Lc 24,13-35)” (SBARDELOTTO, 2020a). Trata-se, na verdade, de reconhecermos a importância do mundo digital, como ferramenta articuladora de relações humanas, para a facilitação da celebração da fé, cientes dos limites que lhe são

inerentes e, também, das suas possibilidades, como nos diz a Igreja: “a vida litúrgica e comunitária, também, pode ser enriquecida com o recurso ao ambiente digital, mediante oportunidades de oração, meditação, preparação dos sacramentos e partilha da Palavra de Deus na internet, nas redes sociais e em aplicativos móveis” (CNBB, Doc. 99, n. 191). Que o Espírito, fonte de discernimento e de constante renovação, nos ilumine neste novo tempo!

Notas

1 Cf. *Diretório para a Catequese*, n. 359.

2 Intuição de Andrea Grillo em *A liturgia como “tela” e a tentação da “simples administração*. IHU.

Referências

CARPANEDO, P. *O espaço da celebração em tempo de isolamento social*. Revista Caminhando com o Itepa, Ano 37, número 129, set. 2020, p. 115-120 (2020a).

_____. *Celebrar a fé em tempo de isolamento social*. Disponível em:

<https://www.paulinos.org.br/home/blog/atualidade/celebrar-a-fe-em-tempo-de-isolamento-social>. Acesso em: 27 set. 2020 (2020b). CNBB. Instrução Geral para o Missal Romano e Introdução ao Lecionário. Brasília: CNBB, 2009.

_____. *Ministério e Celebração da Palavra* (Doc. 108). Brasília: CNBB, 2019.

_____. *Diretório de comunicação da Igreja no Brasil* (Doc. 99). Brasília: CNBB, 2013. GRILLO, A. A. Liturgia e Covid-19. *Como ser assembleia celebrante em tempos de pandemia*. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/598334-liturgia-e-covid-19-diversamente-igreja-como-ser-assembleia-celebrante-em-tempos-de-pandemia-artigo-de-andrea-grillo>. Acesso em: 28 set. 2020 (2020a).

_____. *A liturgia como “tela” e a tentação da “simples administração*. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/602845-a-liturgia-como-tela-e-a-tentacao-da-simples-administracao-artigo-de-andrea>. Acesso em: 28 set. 2020 (2020b).

PAPA FRANCISCO. *Evangelii gaudium. Sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual*. São Paulo: Paulus e Loyola, 2013.

_____. *Christus Vivet. Para os jovens e para todo o povo de Deus*. Brasília: CNBB, 2019.

PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A PROMOÇÃO DA NOVA EVANGELIZAÇÃO. *Diretório*

para a catequese. São Paulo: Paulus, 2020.
SBARDELOTTO, M. *Virtualização da fé? Reflexões sobre a experiência religiosa em tempos de pandemia*. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/601104-virtualizacao-da-fe-reflexoes-sobre-a-experiencia-religiosa-em-tempos-de-pandemia>. Acesso em: 27 set. 2020 (2020a).

_____. *A (re)descoberta eclesial do ambiente*

digital: entre luzes e sombras. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/597585-a-re-descoberta-eclesial-do-ambiente-digital>. Acesso em: 28 set. 2020 (2020b).

VATICANO II. *Constituição Sacrosanctum Concilium*. São Paulo: Paulinas, 2015

Pe. VANILDO DE PAIVA Mestre em Psicologia pela PUC Minas e professor titular da Faculdade Católica de Pouso Alegre (FEJAN)

Catequese, a formação cristã e a espiritualidade: novos olhares

Iniciativas da catequese durante a pandemia

Não é possível dizer que a catequese ficou alheia aos efeitos da pandemia de Covid-19, causada pelo novo coronavírus. O facto de suspender os encontros presenciais, colocou catequistas e catequizandos num impasse: e agora, como devemos agir? Na tentativa de se adaptar à situação, a ação catequética viu-se obrigada a migrar para um espaço até então, para muitos, quase desconhecido. As iniciativas foram várias, porém, gostaríamos de destacar três: a tentativa de alcançar os catequizandos pelos meios digitais, a formação *online* de catequistas, a aproximação às famílias dos catequizandos. Em todas as atividades, o desafio era o mesmo: ocupar o espaço digital com qualidade, e favorecer o crescimento na fé.

Tentativas de alcançar os catequizandos

De início, pensava-se que as providências seriam temporárias e que, brevemente, se retomariam os encontros. Porém, a situação agravou-se, e o isolamento dura há meses, levando várias comunidades paroquiais e dioceses, a estabelecerem critérios para a continuidade das atividades catequéticas. Vários nomes surgiram: catequese *online*, encontros catequéticos com as famílias, catequese doméstica, catequese em casa etc. Apesar da variedade de nomes, o objetivo era sempre o mesmo: dar continuidade à educação da fé de crianças, adolescentes, jovens e adultos.

As iniciativas tomadas pela catequese, no período da pandemia, levantaram várias questões (que precisam de ser retomadas e mais aprofundadas): o que é essencial na nossa catequese? O que desejamos garantir com os encontros? Sublinhamos, sempre, que a catequese não deve ser realizada tendo, apenas, em vista os sacramentos, porém, algumas das posições que tomamos, tendem para a administração dos sacramentos sem a devida preparação, como se, apenas, as etapas imediatamente anteriores às celebrações sacramentais fossem importantes.

Outro dado que se verificou, foi a dificuldade, de muitos catequistas, em usar as ferramentas digitais e a linguagem relacionada com esse universo. Mesmo assim, foi possível perceber uma grande migração para as plataformas digitais, e tal facto permitiu-nos perceber a nossa capacidade de alcançar realidades e pessoas.

No entanto, também foi possível perceber que nem todas as pessoas contam com as comodidades proporcionadas pelos aparelhos e sinais de internet, que lhes facilitem o acesso a conteúdos, encontros e formações. Se, por um lado, o mundo digital aproximou as pessoas, por outro, corremos o risco de reforçar a exclusão, agora de maneira virtual, mas não menos prejudicial.

O desafio da formação de catequistas

Quanto à formação dos catequistas, percebeu-se um incentivo das transmissões ao vivo, congressos *online*, cursos via internet,

escolas catequéticas, estudos de documentos, retiros e reuniões de equipas de coordenação. Talvez nunca um Diretório para a Catequese tenha sido tão “estudado” como foi o último, lançado em Roma, em junho deste ano!

É possível dizer que a formação ganhou muito, pois chegámos a catequistas que, de outra maneira, jamais seriam envolvidos. Contudo, constataram-se grandes dificuldades com o mundo digital, no campo da formação. De certa forma, um analfabetismo digital que dificultou o acesso e a participação, bem como formas de exclusão digital, pois muitos catequistas não têm computador ou, se o têm, ele não oferece as ferramentas necessárias para o seu uso.

São várias as questões que surgiram, derivadas de tais iniciativas: qual a qualidade das formações *online*? Qual será o sentido de retomar encontros presenciais, quando a situação assim o permitir? Qual o investimento financeiro destinado a iniciativas no mundo digital, para alcançar catequistas que não têm acesso facilitado? Qual a iniciativa na preparação de assessores e formadores, para que a formação não seja mera informação ou transmissão académica de conteúdos? É verdade que já não podemos pensar em deixar de lado o mundo digital, e deixar passar as oportunidades que ele oferece para formações e reuniões, mas tem sentido pensar na formação de catequistas à distância? Será que, de facto, a virtualidade ajuda na participação?

Ainda que se possam reconhecer os esforços como tentativas de oferecer uma formação de qualidade, ainda é possível encontrar alguns amadorismos, linguagens demasiado académicas e afastadas da realidade de tantos catequistas. Correu-se o risco de uma saturação, face à quantidade de oferta disponível na rede.

Acreditamos que não será possível esquecer o espaço digital nas formações, mas também é preciso falar sobre o amadorismo e a falta de investimento financeiro em pessoas, para cuidar da parte técnica e, também, de recursos, até para assinar uma plataforma para encontros *online* de forma-

ção de catequistas. São pontos importantes que precisam de ser considerados, quando se pensar em oferecer cursos *online* e escolas de formação para lideranças.

A aproximação às famílias dos catequizandos

A catequese sempre se ressentiu de um certo afastamento das famílias na caminhada catequética. A pandemia lançou-nos para dentro das casas e, de repente, as famílias foram alcançadas e envolvidas num processo que, até então, parecia, apenas, responsabilidade das/os catequistas nas comunidades.

É preciso dizer que não se trata de uma conversão instantânea, nem muito menos que, de uma hora para outra, as famílias se deram conta da importância da catequese e do seu papel na educação da fé dos filhos. É verdade que, em muitas experiências, o desinteresse e o distanciamento continuaram, ou até mesmo, aumentaram. Porém, é possível apercebermo-nos de um movimento interessante, que não pode ser esquecido: a catequese passou a pensar na catequese dos pais, para que estes pudessem ajudar os filhos.

Esse movimento, ainda que impulsionado por uma situação de urgência, ajuda-nos a compreender a necessidade de repensarmos a nossa consciência de Igreja, de comunidade, de catequese e de família. Não se trata de nos fecharmos em casa e de evitarmos contactos, mas de perceber que, em casa, é possível rezar, celebrar e crescer na educação da fé. Aqui, também, apercebe-mo-nos de um perigo: considerar a comunidade como “dispensável”, visto que, em muitas situações, em momentos celebrativos, se reclamava mais da falta do sacramento do que da falta da comunidade.

Como tentativa de ajudar as famílias a rezar, celebrar e catequizar, um grande número de materiais foi amplamente disponibilizado via *WhatsApp*: material para grupos de encontros e círculos bíblicos, celebrações da Palavra etc. Sabe-se que tais materiais chegaram a muitos, mas não se sabe ao certo em que medida, de facto, foram aproveitados.

Também, na busca de aproximação com as famílias, apercebemo-nos de um grande amorismo e muita boa vontade, sem grande preparação ou investimento. Acreditamos que mais do que cobranças, exigências, se torna necessário recuperar a dimensão da gratuidade, do fazer-se presente para facilitar o encontro com o Mestre.

Não podemos esquecer que a realidade da pandemia sobrecarregou as famílias. Se, por um lado, o encontro e o contacto foram facilitados, por outro, situações de *stress* e cansaço foram potencializadas. Há que procurar que a catequese deixe de ser um fardo sobre os ombros de catequizandos, catequistas e famílias.

E agora? Perspetivas para a catequese

Algumas perspetivas para a catequese já se adivinhavam antes da pandemia, mas torna-se, agora, mais urgente que sejam observadas, daqui para frente. Apontaremos quatro situações que exigem maior atenção das equipas de coordenação de catequese e dos catequistas:

O acolhimento, o cuidado e o acompanhamento de catequizandos e catequistas

O acolhimento e o cuidado com catequizandos (crianças, jovens e adultos), bem como com catequistas, são muito importantes. Muitos carregam feridas desse processo vivido na pandemia e isolamento social. O calor humano e o carinho serão fundamentais, para que se sintam bem acolhidos e amados. Muito importante será ouvir e pensar em formas de fazer um acompanhamento pessoal. O afeto, o cultivo da ternura e do amor tornam-se sempre imprescindíveis.

Há que se partir da vida dos catequizandos, e não de um livro. A mensagem cristã, a boa-nova de Jesus, precisa de fazer sentido no quotidiano da existência de cada um. Isso implicará, também, que se tenha em conta toda a experiência vivida durante a pandemia. A vida vivida, faz parte do conteúdo de todo o processo de crescimento e amadurecimento da fé.

As coordenações de catequese precisam

de estabelecer estratégias, para que os catequistas tenham espaço de partilha, de cultivo da espiritualidade, de abordagem de temáticas que possam ajudar na elaboração de processos pessoais vividos.

Valorizar a catequese em família

Este é um tema sempre tratado em documentos da catequese, mas pouco concretizado pelas equipas de catequistas. A pandemia evidenciou que é preciso ter a família, realmente, como parceira do processo catequético. Há que pensar em encontros (*online* ou presenciais) com os pais, mas com um itinerário de debates, com temas interessantes ligados à vida familiar e aos desafios da educação da fé. Um percurso criativo, que envolva os pais ao longo da caminhada dos filhos.

As equipas de catequistas precisam de fazer parcerias com outras pastorais. É preciso pedir ajuda, por exemplo, à Pastoral Familiar, para que auxilie nas visitas (quando for possível realizá-las) aos pais (da catequese eucarística e crisma). Uma visita amigável, simpática, pode ser o começo de um caminho bonito com os pais

As redes sociais ou outras plataformas digitais serão importantes para continuar, semanal ou quinzenalmente, o contato com os pais de crianças e jovens. Há que se ter sabedoria para manter a amizade, e não sobrecarregar os pais com excessivos materiais.

A catequese e a cultura digital

Mais do que nunca se torna urgente a formação dos catequistas sobre a catequese na cultura digital. Isto é muito mais do que aprender a utilizar as redes sociais, sites e plataformas digitais na catequese. Trata-se de conhecer as características dessa cultura digital e os “nativos” digitais, que são os atuais catequizandos.

O novo Diretório para a Catequese, dedicado a este tema, aí está a interpelar-nos: “No processo do anúncio do Evangelho, a verdadeira questão não é como utilizar as novas tecnologias para evangelizar, mas sim, como tornar-se uma presença evangelizadora no continente digital. A catequese,

que não pode, simplesmente, digitalizar-se, precisa, certamente, de conhecer o poder do meio, e de utilizar todo o seu potencial e a sua positividade, com a consciência, porém, de que não se faz catequese utilizando somente ferramentas digitais, mas oferecendo espaços de experiências de fé. Isso evitará uma virtualização da catequese, que corre o risco de tornar a ação catequética fraca e pouco influente” (DC 371).

Precisamos de aprender a ser uma presença de qualidade, beleza e profundidade no continente digital. Isso implica repensar a linguagem e o conteúdo dos nossos *sites* e canais de catequese. E, também, oferecer, desde a formação inicial do catequista, aprofundamentos sobre a catequese na cultura digital e o uso das ferramentas digitais na catequese. Muitos catequistas ainda são analfabetos digitais. O uso de plataformas digitais e outros meios de comunicação, permitirá melhorar a formação de catequistas, sobretudo, chegar até catequistas que, normalmente, não conseguem participar nos encontros formativos presenciais. E os encontros presenciais precisarão de ser mais objetivos, envolventes e criativos.

Os encontros catequéticos, que oferecem vivências de fé aos catequizandos, não podem deixar de ter, também, o digital como espaço de aprofundamento da fé. Isso exige mais criatividade por parte do catequista.

Dar prioridade à catequese dos adultos

Ficou evidente que, durante a pandemia, mais do nunca, é preciso cultivarmos itinerários de educação da fé dos adultos, se quisermos uma Igreja adulta e madura na fé, na esperança e na fraternidade.

É preciso reforçar os processos de iniciação cristã de adultos não batizados, ou que não receberam a eucaristia e a crisma. É preciso, também, pensar em processos com adultos não suficientemente evangelizados, apesar de já terem recebido os sacramentos da iniciação cristã. Isso supõe investir na formação de catequistas, especificamente, para a educação da fé dos adultos, e em

processos criativos, vivenciais, de amadurecimento da fé.

Em muitas comunidades, a catequese dos adultos não batizados é muito mal feita, e reduz-se a dois ou três encontros, na perspectiva do sacramento do matrimônio. É preciso rever esse caminho, segundo as orientações da Igreja para a Iniciação Cristã dos adultos.

Em muitos casos, o nome “catequese dos adultos” espanta grande parte dos que não são suficientemente evangelizados. Será preciso ser criativo, dar outros nomes a esses itinerários de catequese. O mais importante será (re)apresentar o anúncio de Jesus Cristo, de forma significativa, ao coração da vida das pessoas.

O amadurecimento da fé dos adultos transforma a vida comunitária e o testemunho cristão no mundo, como Igreja em saída, ao serviço do Reino de Deus.

A formação cristã e a espiritualidade digital

As plataformas digitais e redes sociais permitiram que, logo no início da pandemia, os encontros de formação, os cursos de teologia com leigos, as manhãs ou tardes de espiritualidade e, até mesmo, os retiros espirituais, migrassem para o formato digital, nas mais variadas plataformas.

Também, neste aspeto, se bem evidente o vasto lastro da exclusão digital, pois muitos não possuem internet suficientemente boa para sustentar as aulas e outros formatos de formação, ou mesmo, não possuem, sequer, computadores ou telemóveis que comportem essas transmissões.

E houve inúmeras modalidades de formação e de cultivo da espiritualidade oferecidas na *rede*. Interessante observar que muita coisa boa foi disponibilizada, à mistura com outras de tendência um tanto duvidosa. Mas foi possível chegar a leigos e leigas que, normalmente, não tinham acesso a uma formação ou, mesmo, acompanhamento espiritual de qualidade. E são inúmeros os relatos de leigos que dizem que isso foi fundamental para que, durante o isolamento social, continuassem a manter viva a chama da fé.

Sobre isto não há volta a dar. Há um mundo a ser descoberto e explorado. Não basta migrar do presencial para o digital, será preciso integrar com harmonia as duas coisas, e inovar no meio digital. Com isso ganhará a formação cristã, e ganhará o cultivo da espiritualidade.

A Igreja precisa de investir neste âmbi-

to, não somente equipando-se devidamente, mas de modo especial, garantindo uma presença qualificada no meio digital, com a formação de agentes atentos aos processos pessoais, verdadeiros evangelizadores e anunciadores da boa-nova do Reino, no desafiante universo da cultura digital.

DÉBORA REGINA PUPO. Doutoranda em Teologia.

LUCIMARA TREVIZAN. Diretora executiva do Centro Loyola e coordenadora do curso de Especialização em Catequética da CNBB.

MARLENE MARIA SILVA. Mestre em Catequética.

as dioceses e as paróquias já não são as mesmas

No dia 27 de março de 2020, quando o vírus se espalhava rapidamente pela Europa, o papa Francisco atravessou uma Praça São Pedro vazia, e rezou pelo fim da pandemia. Nas suas palavras, ele fez uma afirmação muito assertiva: “Não nos detivemos perante os teus apelos, não despertámos face a guerras e injustiças planetárias, não ouvimos o grito dos pobres e do nosso planeta gravemente enfermo. Avançámos, destemidos, pensando que continuaríamos sempre saudáveis, num mundo doente. Agora, sentindo-nos num mar agitado, imploramos-te: ‘Acorda, Senhor!’” (*FRANCISCO, 2020a*).

Podemos entender, a partir destas palavras, que a pandemia não significou só a disseminação de uma nova doença, mas que mostrou, também, quão doente a humanidade inteira estava. Poderemos dizer o mesmo das estruturas eclesiais? Poderemos dizer o mesmo das dioceses e paróquias? Com a apresentação que se segue, queremos olhar para essas estruturas, antes e durante a pandemia, e traçar algumas perspectivas de futuro. Não é

nossa pretensão esgotar a temática, mas estimular a reflexão de todos e todas, a fim de seguirmos, corajosamente, a agenda eclesial do Concílio Vaticano II, tão posta em evidência pelo papa Francisco no seu magistério. Convém destacar que isso só será possível, se a Igreja tiver a ousadia de vencer outro vírus letal: o clericalismo.

Como as estruturas eclesiais chegaram à pandemia

Há, agora, um slogan que se ouve com muita frequência: depois da pandemia, já não seremos os mesmos. Será? Falamos de um novo normal que daria origem a o amadurecimento humano, e com ele, ao amadurecimento e renovação de muitas instituições, como a própria Igreja Católica. Pode até ser que a humanidade saia desta pandemia com traços de uma espiritualidade mais profunda, marcada pela efemeridade da vida. Porém, afirmar que estruturas sólidas sofrerão abalos significativos, é uma aposta, não uma constatação. É esse o caso das estru-

turas diocesanas e paroquiais, que há tempos clamam por renovação, conversão pastoral e novos horizontes.

“A paróquia não é uma estrutura cauduca; precisamente porque possui uma grande plasticidade, pode assumir formas muito diferentes, que requerem a docilidade e a criatividade missionária do Pastor e da comunidade” (EG 28). Exatamente por causa dessa plasticidade, as estruturas católicas sofrem mudanças na história, mas mantêm-se firmes, parecendo, até, ignorar as mudanças sociais e de época. E a afirmação do papa Francisco condiciona as mudanças a dois sentimentos esperados dos agentes eclesiais ordenados: docilidade e criatividade missionária.

É necessário ter cuidado, para que a ansiedade pelos tempos pós-pandemia, não nos leve a apostar em decisões unilaterais, tendo em vista o destino das estruturas eclesiais. O que significa que, sem a disposição evangélica e profética dos agentes eclesiais ordenados, nada acontecerá. Embora a paróquia não seja, certamente, a única instituição evangelizadora, se ela for capaz de se reformar, escutar os homens e as mulheres do tempo presente nas suas alegrias e esperanças, tristezas e angústias (GS 01), continuará a ser Igreja, comunidade de comunidades, que vive no meio das casas dos seus filhos e das suas filhas. Entretanto, estar no meio do povo não é garantia de proximidade; mais do que nunca, é urgente perceber os reais desafios da presente geração.

A grande questão é que, algumas estruturas diocesanas e paroquiais, se tornaram estáticas e frias, com planejamentos e planos de pastoral, até, bem feitos, mas que não chegam ao coração dos fiéis e, na maioria das vezes, nem ao dos agentes encarregados da animação evangelizadora. Já se fala que vivemos num tempo em que se crê mais nos testemunhos que nos textos.

Só um tratamento de choque, com propostas radicadas no Evangelho e atentas aos sinais dos tempos, poderá abrir novas pistas de transformação das estruturas eclesiais. De contrário, far-se-ão algumas emendas aqui e ali, e daqui a pouco, este tempo, que deveria contribuir para a inauguração de novos rumos, restará apenas como uma lembrança. Mais uma oportunidade perdida! Um único e estruturante exemplo poderá ilustrar esta perspectiva: o crescimento do clericalismo, que invade toda a estrutura eclesial, só poderá resultar numa estrutura ainda mais paralisada, em contraposição com a proposta do papa Francisco de uma Igreja missionária em saída. O clericalismo tem um forte ingrediente misógino, e é alimentador de preconceitos, o mais forte dos quais a laicofobia.

Sem um empoderamento real, e não só de discursos, sem uma Eclesiologia do Povo de Deus, com o protagonismo laical em todos os âmbitos da instituição, nada mudará. Ao mesmo tempo que, sem uma mudança radical no reconhecimento do papel da mulher, tudo ficará como está.

As portas fechadas dos templos, durante a reclusão imposta pela pandemia, podem sugerir um tempo de recolhimento purificador e de conversão, a que, insistentemente, nos convida o papa Francisco. Mas o que vemos é uma crescente exposição nos meios de comunicação, produzindo uma espécie de “clerostentação”, com muitos modismos e de qualidade muito questionável. Uma Igreja centrada na conversação e manutenção dos chamados “serviços sacramentais”, sem uma consideração séria do lugar da Palavra no processo evangelizador.

Uma “Palavra de qualidade” e com métodos pedagógicos sérios, poderia amenizar o distanciamento, favorecer a formação dos discípulos e discípulas, levando a iniciação à vida cristã às famílias e àqueles indivíduos que, de repente,

podem ter encontrado nas redes sociais, verdadeiras partilhas querigmáticas e experiência de vida cristã.

O certo é que não preparámos a Igreja para uma vida fora dos seus limites pré-estabelecidos, fora das suas estruturas solidificadas. Ignorámos a crítica que Jesus fez, no diálogo com a Samaritana, sobre a tentativa de engaiolar o sagrado. Quando questionado sobre o lugar certo de adoração, respondeu: “Virá o tempo – e é agora – em que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e verdade” (Jo 4,20-23).

Um rápido giro pela história, leva-nos a perceber que, do século IV até ao Concílio Vaticano II, as estruturas eclesiais se foram acomodando às diversas conjunturas sociais e culturais. Todavia, alguns hábitos adquiridos na longa tradição eclesial, transformaram-se em cláusulas petrificadas. Nem mesmo a Palavra revelada é capaz de se tornar um parâmetro de mudanças. Tem-se a impressão de que as hermenêuticas se sobrepuseram ao valor do espírito das experiências dos cristãos primitivos; selecionam-se textos sagrados, de acordo com a ocasião.

Ao contrário de *Evangelii gaudium*, nas estruturas eclesiais, o espaço mostra-se superior ao tempo (EG 222-225). No critério para a sua definição, o territorial ainda é o que predomina, mesmo que constatemos, sobretudo nos espaços urbanos, que o povo vai impondo o critério afetivo de pertença, flexibilizando o territorial. O que vemos, porém, muito intensamente, nas comunidades eclesiais, é uma massa passiva, que se contenta com o serviço religioso aí recebido, em detrimento do que caracteriza o autêntico movimento cristão: a vida comunitária. Já perdemos imenso tempo a debater em que devemos investir em primeiro lugar, para obtermos mudanças substantivas: no ser humano ou na estrutura. Dizia-se: mudamos o ser humano, e as estruturas muda-

rão, ou, mudamos as estruturas e estas farão emergir homens e mulheres novos. Ora, uma consideração mais dialética, faz com que percebamos que são necessários seres humanos novos para estruturas novas, e estruturas novas para seres humanos novos, num movimento concomitante. Portanto, torna-se urgente redescobrir os processos nestes dois horizontes.

Uma excelente pista pastoral que, em alguns lugares vai ganhando força, é o retorno aos pequenos grupos de reflexão. Somente uma paróquia descentralizada em redes, será capaz de evangelizar os becos das nossas cidades, tanto os geográficos como os existenciais. Cristãos e cristãs convictos de que a proposta de Jesus passa pelos pobres, pelos enfermos, pelos pequeninos. É preciso sair da nossa zona de conforto, e ir para as periferias existenciais de todas as latitudes.

A pandemia chegou às comunidades

O debate sobre a “virtualização da fé” não é recente. Desde a segunda metade da década de noventa do século passado, no Brasil, este tema ocupa espaço na reflexão católica. O que, talvez, a pandemia do novo coronavírus tenha acelerado, terá sido o *début* (= *iniciação*), nos meios digitais, de muitos agentes eclesiais ordenados, mesmo não tendo os mínimos recursos técnicos para “transmitir” uma celebração.

Poderíamos dar-nos por satisfeitos com a afirmação de que as celebrações, finalmente, deram entrada nas plataformas digitais – a pandemia a isso nos obrigou. Contudo, seria uma reflexão muito básica. O que a virtualização das celebrações revela, é uma situação grave, que sobreviveu à pandemia nas dioceses e paróquias: novamente, o clericalismo.

O uso do verbo “transmitir” não é aleatório: muitos ministros ordenados se contentam com a “transmissão” das celebrações, e muitos leigos e leigas chegam, até, a criticar aqueles que não as “trans-

mitem”. Porém, será que uma celebração litúrgica pode ser “transmitida”, como se fosse um programa de televisão ou de internet? A transmissão supõe que haja um emissor ativo e um recetor passivo ou, como comumente se diz, um espetador. As celebrações litúrgicas são trabalhadas tendo em conta os espectadores?

A liturgia é, por excelência, uma ação comunitária; mesmo que os fiéis estejam impossibilitados de estar, fisicamente, nos templos das celebrações, eles tornam-se presentes de forma mediada. Ora, se estão presentes, estão a participar, e não só a assistir a uma transmissão. Entretanto, a proliferação de “transmissões” das celebrações litúrgicas durante a pandemia, revela quão dependentes ainda estão, os leigos e as leigas, dos ministros ordenados.

A vida cristã, também, é nutrida pelo Pão da Palavra, que pode ser partilhado em todos os lares e por todas as famílias. A “experiência doméstica da Igreja” durante a pandemia pode, até, ser uma realidade, em algumas comunidades, mas o que, infelizmente, se vê, é a procura excessiva da “transmissão” digital de uma fé clericalizada.

Outro tema muito presente na vida das comunidades eclesiais, durante a pandemia, é a manutenção do património das dioceses e paróquias. Com menos dinheiro a circular, dada a redução da atividade económica, sente-se a diminuição da sua entrada: o dízimo sofreu uma grande quebra e os eventos pararam. O resultado imediato foi a paralisação de muitas obras, o corte de gastos desnecessários, especialmente, os gastos excessivos com material litúrgico, e, nalguns casos, a dispensa de colaboradores e colaboradoras – infelizmente.

O que é que isso nos revela? Sobre tudo dois aspetos: o peso do património das dioceses e paróquias, e a falta de estratégias pastorais. Não é de hoje o facto de o

património eclesiástico constituir um problema para as comunidades. Quantas comunidades cristãs se veem obrigadas a manter um património custoso, esgotando a sua força e criatividade com meios para arrecadar recursos financeiros! Quantas paróquias têm o seu calendário anual cheio, apenas, de festas e quermesses!

Não seria este o momento de repensarmos a caminhada destas comunidades? A conversão pastoral não é um tema apenas de hoje, mas, com todo o peso do património, chegará essa conversão a ser realidade? Sem verdadeira conversão pastoral, as comunidades eclesiais não desenvolverão uma estratégia pastoral para levar adiante a evangelização. Mas será que essa falta de estratégia pastoral se deve, só, ao peso da estrutura eclesial? E a estrutura eclesiológica?

A constituição sobre a Igreja, *Lumen gentium*, faz notar que a estrutura eclesiológica fundamental é o Povo de Deus (LG II); mesmo que seja, hierarquicamente, ordenado (LG III), não deixa de ser Povo. Todos os ministérios constituídos na Igreja estão orientados para o bem de todo o Povo. O primeiro desses ministérios é o episcopal (LG 20-23); os bispos ou bispos são os sucessores daqueles que comeram e beberam com o Senhor Ressuscitado (At 10,41). Portanto, a sua missão de testemunhar, santificar e pastorear, tem como base a comunhão de vida com o Senhor que deu a vida pelo seu Povo Santo (LG 24-27).

Por outro lado, os presbíteros e os diáconos, devem entender o seu ministério em comunhão com o bispo, mas também como membros de um colégio que, unido, está ao serviço do Povo (LG 28-29; PO 08). O que é que acontece, quando se tem uma compreensão equivocada desses ministérios constituídos para o serviço do Povo de Deus? Quando os bispos se consideram, apenas, como administradores de grandes paróquias

chamadas dioceses, e os presbíteros como “pequenos bispos”, de pequenas dioceses chamadas paróquias?

A pastoral não pode ser reduzida à manutenção de templos e prédios e, menos ainda, à satisfação de gostos estéticos dos agentes eclesiais ordenados. Talvez até seja possível desenvolver uma religiosidade estética, mas nada evangélica. A pandemia do novo coronavírus, mostrou como as dioceses e paróquias estão muito presas ao seu patrimônio, o que é um peso para a tão almejada conversão pastoral das comunidades cristãs (EG 25-26).

Finalmente, o que se observa durante a pandemia é o empobrecimento rápido de muitos, que já não tinham o mínimo necessário à sobrevivência. Contudo, esta situação não foi causada pelo vírus, que se limitou a revelar a enorme quantidade de homens e mulheres, crianças e velhos, que vivem em situações de extrema fragilidade social e económica. Diante desta revelação, muitos leigos e leigas se sensibilizaram e prontamente se organizaram redes de interajuda.

O que é que isto nos revela? Em primeiro lugar, que o braço livre da Igreja, durante as semanas ou meses de confinamento, são os leigos e leigas comprometidos. Evidentemente, muitos ministros ordenados, também, estão envolvidos no trabalho de arrecadação e distribuição de cabazes com os alimentos e artigos de higiene mais básicos, para os mais pobres e necessitados. Mas são os leigos e as leigas que assumem essa frente de trabalho, o que nos leva a pensar que a liberdade de ação, dentro das comunidades cristãs, é essencial.

Essa liberdade de ação não pode restringir-se, apenas, a uma ação *ad extra*; é essencial que os leigos e as leigas comprometidos, gozem de liberdade para atuarem *ad intra ecclesiam*. Ao mesmo tempo, a sensibilidade diante do sofrimento alheio não pode ser vista, somente,

em momentos críticos, como acontece nesta pandemia. Não estará na altura de aproveitarmos esta liberdade de ação, este compromisso com os mais necessitados, para nos decidirmos não só preferencial, mas fundamentalmente, pelos pobres? Afinal de contas, o Reino é deles (Mt 5, 3), Jesus foi ungido pelo Espírito para lhes anunciar a Boa-Nova (Lc 4,18).

Seria uma perda enorme que a ação solidária despertada pela pandemia, fosse só mais uma “obra de caridade”. Toda a sensibilização diante da miséria, da fome e da necessidade imediata dos mais vulneráveis, é uma oportunidade para que a Igreja recupere a sua opção pelos pobres, como as conferências de Medellín (Pobreza da Igreja 8) e Puebla (733-735) proclamaram.

Quando a pandemia passar...

O cenário aqui apresentado já estava em curso há anos. A pandemia do novo coronavírus, tornou-se um elemento catalisador de imensas questões que, ainda, não encontraram caminhos de resposta no início da segunda década do novo milénio: como superar o mal do clericalismo? Mas parece que o Senhor nos diz, novamente: “Vinho novo em odres novos” (Mc 2,22). Um novo vinho a ser apreciado como sinal de esperança de um novo tempo, um novo odre que simboliza a ternura entre os irmãos e irmãs, e o cuidado pela casa comum.

Neste novo tempo, a Igreja deverá ser, não só, porta-voz dos clamores da terra, das comunidades e povos nativos, mas também a primeira a dar testemunho, nas suas mais simples decisões. Um bom exemplo pode ser visto no próprio Vaticano, onde deixaram de existir copos descartáveis, e se introduziu um novo modo de lidar com o lixo.

Para fazer levedar uma nova cultura, não podemos omitir o diálogo com a ciência, nem privar-nos do compromisso de iniciar processos de promoção de uma

educação integral e humanística. Para o papa Francisco, pensar na educação é pensar nas gerações futuras e no futuro da humanidade. Aqui, o pacto educativo global surge como eminente sinal de esperança, unindo esforços e envolvendo diversos atores sociais.

Outro bom e necessário fermento para inaugurar um futuro promissor para a Igreja, são os movimentos sociais e o diálogo ecumênico, inter-religioso e com os não crentes. Nesse sentido, **os movimentos populares são apontados como fonte de energia moral, capaz de revitalizar as nossas democracias em crise.**

“Evangelizar é tornar o Reino de Deus presente no mundo” (EG 176; EN 06). E para isso, é preciso que as comunidades diocesanas e paroquiais promovam e favoreçam meios para o encontro pessoal com Jesus Cristo. Redescobrir o valor e a força do *querigma* que coloca em evidência a beleza do Evangelho, e jamais é indiferente ao outro, sobretudo aos mais pobres e em situação de vulnerabilidade.

Uma evangelização na qual o planejamento da ação das dioceses e paróquias, tenha como centro a pessoa de Jesus Cristo, a Ecclesiológia do Povo de Deus, sempre em comunhão e participação. Planeamentos que nascem da escuta da Palavra e dos clamores dos sinais dos tempos; prioridades e pistas de ação que sejam construídas não em gabinetes, mas a partir da escuta dos círculos de conversa comunitários, dos grupos de reflexão, dos conselhos de pastoral e, também, daquelas e daquelas que se encontram distantes das estruturas que a Igreja hoje oferece.

Uma evangelização que torne natural o caminho missionário e sinodal, que dê primazia à renovação do coração, mais do que à dos estatutos e decretos. Onde a questão financeira brote da partilha dos bens e de uma evidente solidariedade, como bem testemunham as pastorais

sociais, tantas vezes criticadas e não, devidamente, valorizadas pelos pastores, mas que, na pandemia, mostraram a beleza e a importância de ter o serviço da caridade organizado para responder, com prontidão, aos apelos de Cristo nos pobres.

Uma evangelização atenta a uma nova economia que ajudará a construir um mundo novo. Uma economia que tenha como prioridade o ser humano, e não o lucro; que tenha a vocação de servir a vida e promover a pessoa. Uma nova economia que brotará da denúncia profética do escândalo de só 1% da população mundial deter a mesma riqueza que os restantes 99%.

Como nos recorda o papa Francisco, embora desgastada e, por vezes, até, mal interpretada, a palavra solidariedade significa muito mais do que algumas ações esporádicas de generosidade. É muito mais! Supõe a criação de uma nova mentalidade, que pense em termos de comunidade, de prioridade da vida de todos, sobre a apropriação dos bens por parte de alguns (EG 188).

“Uma solidariedade guiada pela fé, que permita traduzir o amor de Deus na cultura globalizada, não construindo torres, nem muros que dividem e depois desabam, mas tecendo comunidades e apoiando processos de crescimento verdadeiramente humanos e sólidos. É preciso perguntar ao próprio coração: penso eu nas necessidades dos outros?” (FRANCISCO, 2020b).

Em suma, é preciso pôr em prática a cultura do encontro, da vida e da esperança, nas nossas dioceses e paróquias. Mas, antes, elas devem ser inauguradas naquele novo normal, que só será realidade, quando todos nós deixarmos de ser pessoas normais, moldadas pela cultura da invisibilidade e do descarte. Ser cristão é viver a revolucionária mística do amor ao próximo, como caminho irrenunciável

para a construção de novas veredas.

O projeto de uma fraternidade universal, insistentemente proclamado pelo papa Francisco, deve ser assumido por todas as estruturas eclesiais, para que a vida não seja instrumentalizada, em favor de interesses particulares e ocasionais. A Igreja não pode permitir que a fé – a sua e a das outras religiões – seja instrumento de polarizações, guerra e divisões, como

alguns querem fazer crer. O renovado compromisso com a vida plena para todos e todas, é a grande novidade da missão da Igreja pós-pandemia: o novo coronavírus fez-nos experimentar a fragilidade da nossa condição; só mediante um cuidado mútuo, uma atenção fraterna, especialmente para com os mais pobres e vulneráveis, poderemos louvar juntos a bondade do Deus Criador (LS 01).

Cadernos Teologia Pública, ano 17 – vol. 17- nº 148 – 2020, pp 6-39. INSTITUTO HUMANITAS UNISINO

Viagem apostólica do papa Francisco ao IRAQUE (5-8 de Março de 2021)

Líder xiita diz que visita do papa ao Iraque não é só para os cristãos, mas para todos os que trabalham pela paz



SAYYED
JAWAD
MOHAMMED
TAQI AL-
KHOEI, cofundador do Conselho para o Diálogo Inter-religioso do Iraque, consi-

dera que a visita do papa ao país, prevista para decorrer entre sexta e segunda-feira, está convicto de que «não é só para os cristãos, mas para todos aqueles que em todo o lado trabalham pela paz».

Nascido em 1980 em Najaf, a cidade sacra do islão xiita, onde no sábado Francisco será recebido pelo grande aiatola Al-Sistani, Sayyed Jawad dirige o Instituto Al-Khoei, integrado num seminário religioso fundado há mil anos no qual se procura «formar futuros estudiosos que tenham não só um amplo conhecimento dos princípios do islão xiita, mas também uma compreensão de outras escolas de pensamento e religiões, de maneira que o diálogo inter-religioso se torne parte da sua educação».

Qual é o papel dos líderes religiosos na construção da paz? Como se combatem os discursos de ódio que infelizmente atravessam ainda os sermões religiosos?

Os líderes religiosos são atores influentes em muitas partes do mundo, e a religião joga ainda um papel importante na vida quotidiana de muitas pessoas, infelizmente, existem minorias extremistas que justificam a sua violência e o ódio em nome da religião, e é responsabilidade dos líderes religiosos oporem-se a esta tendência e educar para o conhecimento da natureza pacífica das religiões. Não devemos permitir às pessoas que desviem a nossa religião e abusem dela para os seus programas nefastos, pessoais e políticos.

Qual é o papel das comunidades cristãs no Médio Oriente?

Se o Médio Oriente fosse uma palmeira, a sua cabeleira seria muçulmana, mas as suas raízes seriam cristãs. Os cristãos nesta região são parte integrante e indígena da nossa comunidade. Contribuíram muito para a nossa economia, cultura e vida intelectual. A beleza desta terra está na nossa

diversidade, e não podemos imaginar este lugar sem cristãos. Há um famoso dito do imane Ali, o primeiro imane xiita, que nos indica como viver: «As pessoas são de dois gêneros: ou são teus irmãos na fé ou teus semelhantes na humanidade».

O grande aiatola Sistani insiste constantemente na fraternidade humana, e considera que os cristãos têm os mesmos direitos e as mesmas responsabilidades dos muçulmanos no Iraque, a sua cidadania une-os. A estrutura religiosa nunca emitiu uma “fatwa” que incite ao ódio contra os outros, e considera proibido qualquer insulto contra os outros líderes religiosos, ou ataques aos seus lugares de culto.

O que se espera da visita do papa Francisco ao Iraque e do seu encontro com o aiatola al-Sistani?

Não consideramos o papa apenas como o líder dos cristãos católicos, mas como um símbolo de paz e moderação. A visita do papa Francisco não é só para os cristãos, mas é para todos aqueles que em todo o lado trabalham pela paz. Lançará uma mensagem poderosa sobre a importância do diálogo inter-religioso. Os iraquianos pertencem a vários segmentos da sociedade, de diferentes origens étnicas e religiosas, estão felicíssimos pela sua próxima visita e estão orgulhosos de que o papa tenha escolhido este país, a terra dos profetas e dos santos, para a sua primeira visita ao exterior durante a pandemia global. Mostrará a todos que não há problemas entre as religiões ou entre os homens de religião, independentemente dos nossos diferentes antecedentes, e o encontro reforçará e encorajará todas as organizações que no Iraque e fora dele trabalham para o diálogo inter-religioso e para os projetos de paz.

Os líderes religiosos encontrarão o papa Francisco em Ur. Que mensagem querem enviar ao mundo, ao Iraque e ao Médio Oriente?

O Iraque tem sido historicamente colocado de parte por causa das situações da segurança e das diversas guerras que tivemos de enfrentar, mas a visita do papa trará

novamente Ur ao mapa da Terra, e o Iraque poderá voltar a ganhar o seu lugar na razão e no mundo.

O diálogo inter-religioso é vital para todas as sociedades pacíficas porque nos permite compreendermo-nos e pôr de parte as nossas diferenças, e dar-mo-nos conta que estamos todos na mesma barca, enfrentando os mesmos desafios.

A segurança dos muçulmanos depende da segurança dos cristãos, e a segurança dos cristãos depende da segurança dos muçulmanos. Não pode haver segurança para os muçulmanos se não há segurança para os não-muçulmanos, e vice-versa. Os não-muçulmanos não são só nossos iguais na humanidade, mas, como seres humanos, são os nossos parceiros nesta Terra. Num mundo cada vez mais globalizado, em que as distâncias e fronteiras diminuem, partilhámos todos o mesmo planeta, os mesmos recursos e os mesmos desafios.

O Iraque é uma terra ensanguentado pela violência e pelo terrorismo. Qual é o caminho da paz para este país e para o Médio Oriente?

Não podemos permitir que uma minoria de indivíduos violentos mude a natureza pacífica dos seres humanos e de todas as religiões divinas. Estudiosos e líderes religiosos têm de fazer mais para reclamar a verdadeira natureza da religião e prevenir o abuso e a manipulação da identidade religiosa em nome das religiões.

A Europa também sofreu séculos de conflitos e ódio religioso, mas no fim superou esta página escura da sua história para criar sociedades pacíficas. Não tenho dúvidas de que também o futuro desta região será pacífico, mas isso exigirá tempo e vontade política quer da parte dos líderes locais, quer da comunidade internacional, para que não se combatam guerras por procuração, usando-nos como carne para canhão.

M. CHIARA BIAGIONI / In SIR / Trad.: Rui Jorge Martins / Imagem: Bagdad, Iraque | © Murtadha Al-Sudani/Anadolu Agency / Publicado em 01.03.2021